XVI ENANCIB 2015
Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes
26 a 30 de outubro - João Pessoa - PB

XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação **(XVI ENANCIB)**
ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

Comunicação Oral

O NEGRO E A MEDIAÇÃO: A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CAMPO DE DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL[1]

THE NEGRO AND THE MEDIATION: INFORMATION SCIENCE AS A FIELD OF ETHNIC-RACIAL DISCUSSION

Fernando Cruz Lopes, UEL
lopes.fred@gmail.com

Sueli Bortolin, UEL
bortolin@uel.com

Maria Nilza da Silva, UEL
mnilzap@gmail.com

Resumo: Este trabalho trata dos resultados da pesquisa de dissertação que partiu da percepção de que existem poucos trabalhos que conceituam a discussão étnico-racial na Ciência da Informação brasileira. O objetivo geral da dissertação foi investigar o ponto de intersecção entre os estudos de mediação da informação e relações raciais na Ciência da Informação. Como objetivos específicos estabeleceu-se: dispor os diferentes discursos acerca das relações étnico-raciais na literatura das Ciências Humanas; propor a relação dos estudos de mediação da informação com os estudos étnico-raciais como parte do escopo da Ciência da Informação, mais especificamente da Mediação da Informação. Quanto a metodologia realizou-se uma revisão bibliográfica, a fim de perceber o que já foi discutido na Ciência da Informação acerca do negro. Obteve-se como resultados uma baixa recuperação de trabalhos produzidos na área que abordem a temática etnico-racial. Contudo os trabalhos se encaixavam em discussões pragmáticas acerca de cultura e, portanto de mediação da informação. A construção de um corpus téorico sobre as discussões e mediação dependem de mais trabalhos que tratem da Ciência da Informação por um viés da cultura.

Palavras-chave: Mediação da Informação. Identidade racial. Relações étnico-raciais. Estudos culturais. Ciência da Informação.

[1] O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

Abstract: This research it is dissertation research results that came from the perception that there are few studies that conceptualize the ethnic-racial discussion in the Brazilian Information Science. The overall objective of this thesis is to investigate the intersection of mediation of information and race relations in Information Science. The specific objectives are established: arrange the different discourses about ethnic-racial relations in the literature of the Humanities; propose the relationship of information mediation studies with ethnic and racial studies as part of the scope of Information Science, specifically the Mediation Information. As the methodology carried out a literature review in order to realize what has already been discussed in information science about black. Was obtained as a result a low recovery works produced in the area to address the ethnic-racial theme. However the work fit in pragmatic discussions about culture and therefore of information mediation. The construction of a corpus of Theoretical discussions and mediation depend on more jobs that deal with the Information Science by a bias culture

Keywords: Mediation Information. Racial identity. Ethnic-racial relations. Cultural studies. Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a Ciência da Informação nota-se uma lacuna de atenção dispensada a discussão étnico-racial que poderia ser efetivamente contemplada pela mediação da informação. Para tanto, o objeto de estudo proposto foi a discussão das relações étnico-raciais por intermédio da mediação da informação, com a finalidade de entender como tais elementos podem exprimir um caráter auxiliador diante do trabalho de construção de identidade.

O processo de busca de identidade é, muitas vezes, árduo e complicado. Para d'Adesky (2005) a negritude como identidade é um entendimento restrito a militâncias e a elite intelectual. Já a leitura, a informação e o conhecimento,

> [...] permite clarificar os problemas da origem, iluminar o processo histórico em que se desenvolve a resistência afro [...] e transmitir um campo de forças e de experiências que envolve e enraíza os problemas de identidade e seus corolários políticos, econômicos, sociais e culturais (D'ADESKY, 2005, p.141).

A identidade está intrinsecamente relacionada ao fato de se portar perante a própria noção de quem se é e, para isso, se faz a escolha de limitar quem não é. Para Silva (2000) esse é o momento de relação de poder onde se faz a diferenciação "nós" e "eles", em que não há mais a categoria gramatical apenas, mas sim a de indicador de "posição-de-sujeito". Esse é um processo de classificação, e a identidade e diferenciação é a forma utilizada pela sociedade para arranjo.

O processo de assumir identidade é definido por fatores históricos, não biológicos. Por isso é comum assumir diferentes identidades em diferentes momentos, essas identidades não são formadas ao redor de um "eu" coerente (HALL, 2006).

O mediador, portanto, é uma peça chave na educação e no compartilhamento do conhecimento. Esse processo é fundamental para que o indivíduo que não se percebe como tal, não produza uma leitura rasa. O mediador serve como um catalisador na leitura e na busca de identidade dos indivíduos.

O conceito de Mediação por muito tempo teve sua interpretação vinculada aos diversos exercícios e práticas que fazem parte da Ciência da Informação. Mediação, assim sendo, não é apenas a relação entre dois termos equivalentes, mas sim a qualidade adicional agregada à relação que causa uma melhora significativa ao conhecimento (DAVALLON, 2007). A mediação não é apenas a ação de servir de intermediário, mas também é uma espécie de consenso, hegemonia, no acesso a informação (ALMEIDA, 2008). Sendo, cabe a seguinte indagação, que guiaram os caminhos da pesquisa: qual é a relação, na Ciência da Informação, entre a mediação da informação e o indivíduo negro?

A dissertação teve como objetivo geral investigar o ponto de intersecção entre os estudos de mediação da informação e relações raciais na Ciência da Informação. Sendo assim, pretendeu-se discutir o problema de modo que não se reproduza o racismo nessas práticas. Como objetivos específicos,

- Pautar as diversas fases da Ciência com o intuito de relacionar as possibilidades interdisciplinares da mediação da informação;
- Dispor os diferentes discursos acerca das relações étnico-raciais na literatura das Ciências Humanas;
- Propor a relação dos estudos de mediação da informação com os estudos étnico-raciais como parte do escopo da Ciência da Informação;
- Apresentar trabalhos que discutam a temática proposta.

Dessa forma, almejou-se responder as lacunas deixadas pela CI nos estudos raciais. A pertinência deste estudo está, antes de tudo, relacionada à interdisciplinaridade da Ciência da Informação, uma vez que os resultados da pesquisa aqui apresentada servirão aos mais diferentes públicos, e podem assim, ser aplicados em bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, bibliotecas especializadas e universitárias, e até mesmo com professores, educadores e outros profissionais de diversas áreas.

Fica explícito durante o objeto apresentado que, a mediação da informação, sendo uma ação que agrega informação é um objeto que muitas vezes se relaciona com espaço do

profissional da informação ou então com o espaço do profissional da área de Biblioteconomia. Porém, o foco aqui proposto está na mediação plena e em suas relações de poder, objeto tratado pela Teoria Crítica da Informação, e que deixa de lado apenas as práticas e processos. Foca-se, então, na informação em si com valor em si mesma e não no profissional.

Outro fator relevante é o enfoque dado à situação do negro na Ciência da Informação, aspecto pouco abordado na área, porém de possibilidades ilimitadas. É necessário perceber como uma parcela da sociedade, que muitas vezes sofre com problemas de exclusão, racismo e preconceito, e, que precisa e pode ser observada em relação às questões pertinentes da CI como objeto de estudo e análise.

A ciência como um todo precisa focar-se nas preocupações de grupos sociais que sofrem tratamento estigmatizado e de dominação. Porém, se torna também necessário perceber que estudos sobre negros não podem tê-los apenas como objetos empíricos e que é necessário dar voz a essa população pouco investigada, no caso da CI. Para Aquino (2010) não é imprescindível apenas tornar o negro objeto de estudo, mas sim permitir que esses estudos sejam uma vazão para essa população.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a construção da dissertação foi uma argumentação descritiva exploratória de natureza qualitativa, apresentando como universo a bibliografia da Ciência da Informação, Ciências Sociais, entre outras que foram pertinentes para responder as questões acima levantadas. Abordou-se tanto conceitos sobre relações raciais, quanto o panorama da mediação na literatura da Ciência da Informação, a fim de entender o ambiente em que o negro vive, aprende e produz conhecimento, e como a questão ideológica é fundamental na criação de um *status quo*.

O estudo teórico é "[...] um conjunto de princípios fundamentais, que se constituem em instrumento científico apropriado." (MARCONI; LAKATOS, 2009, p.116). A teoria é a consolidação dos estudos empíricos, a compilação de fatos produz um conceito, sendo assim, os estudos teóricos são uma forma de produzir ciência através de observação dos acontecimentos.

A teoria é uma forma de pensar sobre o que já foi escrito a respeito de certos assuntos. Na ciência é uma forma de compilar pensamentos que discorrem sobre esses assuntos. "A teoria serve para resumir sinteticamente o que já foi produzido sobre o objeto de

estudo, através das inter-relações entre afirmações comprovadas." (MARCONI; LAKATOS, 2009, p.118).

Como forma de complementar a teoria foi realizado um estudo de produção científica de teses e dissertações. A pesquisa sobre a produção científica em programas de pós-graduação da área de CI aconteceu nas bibliotecas digitais de teses e dissertações (BDTD) das instituições que possuem curso *strictu sensu* em CI, que no caso brasileiro são 11 universidades. Para tanto, foram considerados apenas os trabalhos disponíveis na íntegra nas BDTD.

Para a busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Negro, Afro descendente, Afro brasileiro, Raça, Racismo, Preconceito, Discriminação. Além dos descritores da área: Ciência da Informação e mediação da informação.

A análise teve o foco nos trabalhos produzidos entre 2010 e 2012. Não existe nenhuma intenção na escolha do triênio, a decisão se deu por ser um triênio estabelecido na ANCIB.

O tema proposto é uma união de diversas possibilidades científicas, a Mediação da Informação é um assunto mais estudado pela Ciência da Informação e pela Biblioteconomia, com alguns aspectos na Arquivologia (mediação pós-custodial) e Museologia (mediação cultural). Além de ser influenciada pela Mediação das Ciências Sociais, Educação e Filosofia.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Encontrou-se cinco trabalhos, sendo: um da Universidade Federal Fluminense (UFF), um da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e os outros três na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para uma melhor análise da produção em CI sobre o negro, decidiu-se separar os trabalhos por região geográfica, ficando divididas, portanto, em duas regiões: Nordeste e Sudeste.

3.1 A PRODUÇÃO DO SUDESTE

A região Sudeste conta com dois trabalhos, ambos são dissertações de mestrado, uma do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação PPGCI/UFF, e a outra, do PPGCI/UFRJ em parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

A dissertação da UFF intitula-se *A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra*, de autoria de Francilene do Carmo Cardoso, da linha de pesquisa *Informação, Cultura e Sociedade*, sob orientação da Profa. Dra. Nanci Gonçalves da Nóbrega, defendida em 2011.

A dissertação da UFRJ-IBICT, *Informação, cultura e cidadania no coração da periferia pelas batidas do Hip Hop*, autoria de Rociclei da Silva, sob orientação da Professora Doutora Sarita Albagli[2].

O primeiro trabalho analisado da região sudeste é o da UFF, produzido por Cardoso (2011) e trata da Biblioteca Pública como um espaço de criação da identidade negra. A dissertação de Cardoso é uma continuação de seu trabalho de conclusão de curso, que se iniciou no momento de seu estágio na Biblioteca Infanto-Juvenil Viriato Correia, e a percepção da pouca quantidade de material com protagonismo negro, em um estado com a população majoritariamente negra.

Cardoso (2011), então relata que é perceptível que o negro no material disponível sempre é menorizado, alvo de piadas de mau gosto, ou preconceitos de cor. Além disso, ela ressalta que é necessário para a população negra mais nova, que existam exemplos para eles servirem de base para construção de sua identidade.

O foco de Cardoso (2011) é a memória, e como a partir da construção memorialística esse sujeito conseguisse se encontrar identitariamente. Para tanto, ela se vale de um projeto chamado Consciência Negra (chamado pela sigla PCN), que tinha por objetivo

> [...] o desenvolvimento de atividades que congregasse informação, cultura, lazer e práticas pedagógicas de maneira a estimular o conhecimento da diversidade **cultural do Brasil** em particular da **cultura africana** e **afro-brasileira** e **maranhense** fomentando aos usuários o gosto pela leitura e pela pesquisa. (CARDOSO, 2011, p. 29, grifo nosso).

Importante perceber que ela diferencia diversos tipos de cultura, a brasileira como sendo um eixo maior, e as manifestações da cultura africana, e da junção entre elas como afro-brasileira, e uma mais regional, a maranhense. Nesse caso, de fato se faz importante, pois em sua pesquisa ela contempla o aspecto da biblioteca pública no estado do Maranhão, como essa região específica interagiu com a cultura africana, e como isso foi desenvolvido no Brasil.

Como exemplo dessas diferenciações todas, e por que isso é importante, em um dado momento do PCN é levado para dar uma palestra na Biblioteca um representante do Tambor de Mina do Maranhão. Uma religião afro-brasileira, quase exclusivamente dessa região do nordeste brasileiro, com diferenciações do Candomblé, ou seja, o PCN sentiu necessidade de

[2] A dissertação não apresenta a linha de pesquisa em que o trabalho está inserido.

discussão entre os leitores da Biblioteca de um tema regional, de influência africana. Ou quando foi discutido o folclore do estado, sempre preservando a questão particular do estado.

Nesse momento também é percebido uma sinalização com a mediação, Cardoso (2011) entende que esse papel do profissional em perceber e sanar demandas do seu leitor é um processo de mediação. Portanto, todas as atividades de uma biblioteca pública podem ser resumidas em mediação da informação.

Apoiada no conceito de Almeida Júnior (2009), de que mediação da informação é:

> [...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação – direta ou indiretamente; consciente ou inconscientemente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Cardoso (2011) compreende que a ação do profissional da informação não é neutra, portanto é necessário que haja essa interferência de maneira mais agressiva, que os posicionamentos devem ser feitos. Que a interferência do profissional já existe nos processos técnicos da biblioteca, então a interferência na construção do conhecimento é natural.

O processo de mediação da informação, portanto, seria uma forma de mudança cultural, ou como preferem os estruturalistas, mudança ideológica. Cardoso (2011) utiliza-se de um pensador marxista para discutir a cultura como algo generalizante, assim ela se apropria de Gramsci e o seu conceito de hegemonia.

Para Martín-Barbero (1995a, p. 52 *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p. 105) o conceito de hegemonia é um avanço nas pesquisas sobre cultura, por esse conceito é possível analisar a relação dominador/dominado:

> A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador. E, segundo elemento que nos traz Gramsci com o conceito de hegemonia, é que essa dominação tem que ser *refeita continuamente*, tanto pelo lado do dominador como pelo do dominado.

Assim, Almeida (2008, p. 9) cita uma palestra de Paulo Freire no XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação em 1982 na Paraíba, que em sua fala ele atribui a importância da Biblioteca como espaço estratégico para o desempenho de emancipação cultural e política das classes populares. "[...] A biblioteca popular, pensada antes como centro cultural e não como depósito de livros, permitiria uma ampliação e intensificação das habilidades dos leitores, assegurando-lhes a correta forma de ler o texto em relação com o contexto."

Nesse sentido é fundamental compreender que,

> Informação e mediação se conjugam permanentemente nas dinâmicas cotidianas de consenso (hegemonia) e conflito (contra-hegemonia), relação que toma corpo nos espaços híbridos da comunicação, a qual pode ser entendida como o *locus* privilegiado das relações intersubjetivas e da circulação dos sentidos. (MARTINS, 2011, p. 67).

Tanto o conceito estruturalista, quanto o conceito gramsciano colocam a cultura como sendo um fator, também político, que transforma, mas também, capaz de manter aspectos da sociedade. Como se fosse um "[...] convencimento/consenso para um universo de valores, normas éticas e de conduta [...]" (CARDOSO, 2011, p. 59).

Assim, em sua dissertação Cardoso (2011) entende que existe um aspecto de libertação em instrumentos de controle do estado. A biblioteca pública é um desses instrumentos de controle, mas que também pode servir como espaço de discussão e divulgação de outra realidade do negro. Que esse espaço pode servir para construção de uma história, e principalmente, de uma memória alternativa, de valorização da raça e cor.

O segundo trabalho analisado na região Sudeste é de Silva (2011) que trata do movimento cultural Hip Hop, fundamentalmente trata-se de um trabalho dentro da temática estabelecida devido ao fato do Hip Hop ter surgido do movimento dos direitos civis dos negros estadunidenses. Além do fato de que seus precursores eram cidadãos de bairros negros da cidade de Nova Iorque.

O trabalho de Silva trata de como a influência da cultura Hip Hop pode ser uma saída para a dificuldade na vida nas periferias brasileiras. Partindo do conceito de Wersig (1993, p. 233) de que "informação é conhecimento para ação", assim é intrínseco do comportamento humano que o conhecimento deve ser sustentado por ações específicas em situações específicas. Na dissertação de Silva (2011) o Hip Hop é entendido como uma forma de resistência, baseado em estratégias informacionais e comunicacionais.

Silva (2011) entende que a informação exerce um fator de agente transformador no processo sociopolítico, e que o Hip Hop, além de resistência, é uma força geradora de cidadania, sendo ela influência no acesso e uso da informação, mas também por sua apropriação e produção.

Um dos pontos abordados por Silva (2011) é a pobreza, porém que esse fator social não é empecilho para a produção cultural. A produção cultural da pobreza é uma resistência contra sua condição social. Partindo do que Hall (2003) chama de pós-althusserianos, ou seja,

uma ênfase baseada na unidade-diferença, Silva (2011) constrói sua base teórica na psicologia social e na psicanálise.

Hall (2003, p. 152) pontua que "[...] como práticas específicas (articuladas em torno de contradições que não surgem da mesma forma, no momento e no mesmo ponto) podem, todavia ser pensadas *conjuntamente.*" O Hip Hop no trabalho de Silva (2011) é também o agente de resistência e luta contra os processos ideológicos da sociedade.

Um ponto do trabalho é não estar associando o Hip Hop a cultura negra. De fato ele não é um movimento exclusivo, porém ele surge do movimento dos direitos civis, além de até hoje ser muito presente nas periferias, onde a maioria da população é negra. Silva (2011) não fala em nenhum momento das teorias sobre relações étnico-raciais, contudo em seu texto fica evidente que seu entendimento é acerca do problema de classe e não raça. A evidência acontece por sempre tratar a questão da opressão pelo viés econômico e não social.

O preconceito, a resistência, a produção social acontece pelo fato de serem pobres esses sujeitos. Pouco é mencionado o aspecto cor ou raça, levando a crer que seu entendimento sobre essas questões está vinculado ao preconceito com a classe social e não raça/cor.

Essa forma de pensar o preconceito é influência da produção da Escola Paulista de Sociologia, principalmente da produção de Florestan Fernandes. Fernandes contesta a ideia de democracia racial produzida por Gilberto Freyre, ele entende que características de cor (preto) e raça (negro) se tornaram nomenclaturas de definição de classe subalterna (SCHWARCZ, 2012). O início desse pensamento acontece na época da escravidão, principalmente porque por trás do escravagista "estava o 'branco' e, por trás do escravo, ocultava-se o 'negro' ou o 'mestiço'." (FERNANDES, 2007, p. 120).

> [...] existe um *dilema racial brasileiro* e que ele possui um caráter estrutural. Para enfrentá-lo e corrigi-lo, seria preciso mudar a estrutura da distribuição da renda, do prestígio social e do poder, estabelecendo-se um mínimo de equidade econômica, social e cultural entre "brancos", "negros" e "mulatos". Também revelam, de outro lado, que a emergência e o desenvolvimento de uma ordem social competitiva não constituem, em si mesmos, garantia de uma democratização homogênea da renda, do prestígio social e do poder. As oportunidades que os dois processos histórico-sociais criam são aproveitadas de forma desigual pelas diversas categorias sociais e raciais em presença. [...] Nesse sentido, nas fases de formação e de expansão inicial da ordem social competitiva surgem tendências muito fortes de agravamento das desigualdades econômicas, sociais e políticas, em termos de *classe*, de *raça* ou de *região*. A persistência ou a eliminação gradual dessas desigualdades passam a depender do modo pelo qual as demais categorias sociais reagem, coletivamente, às deformações que assim se introduzem no padrão de

> integração, de funcionamento e de evolução da ordem social competitiva. (FERNANDES, 2007, p. 127-128).

A busca por uma classificação da cor muda conforme os modos de vida (o jeito, o nível escolar, simpatia/antipatia), ao estilo (o cabelo, a roupa, o carro) e a situação social no qual se utiliza a terminologia da cor (D'ADESKY, 2005). O uso das palavras no português reflete a posição da pessoa em relação ao seu entendimento de raça e cor. Muitas vezes, através de um estilo pragmático ou indicial as pessoas manipulam seus discursos (SHERIFF, 2002). Para d'Adesky (2005) existe uma classificação popular onde predomina uma hierarquização, em que o branco se situa no topo e o negro embaixo, entre eles uma imensidão de nomenclaturas cromáticas.

> [...] É que, de acordo com nossa análise, a caracterização cromática expressa, além da cor propriamente dita, sobretudo desejos e valores. Desejos de ser (branco), desejos de não ser (negro), desejos de aparentar (branco). E, na medida em que esses desejos representam valores (poder, beleza), eles manifestam uma relação hierarquizada entre um elemento (branco) do conjunto e outras categorias (negro, jambo, sarará etc.) desse mesmo conjunto. (D'ADESKY, 2005, p.137).

Assim, o dominado (negro) cria perspectivas de associação, essa multiplicidade de categorias cromáticas lhe permite estrategicamente, e "mediante simbolismo de fuga, situar-se o mais próximo do modelo tido como superior, isto é, o branco" (MUNANGA, 1996, p.187).

Contudo o trabalho de Silva (2011) contempla o entendimento que a opressão social vivida por essa população mais pobre, também é uma opressão racial, além de econômica. Outro fator para observação na dissertação é o fato da informação ser um agente transformador, que a produção cultural do movimento é o mecanismo que servirá de saída da condição de submissão.

Pode-se entender que a informação nesse caso é um aspecto da mediação, que a decodificação simbólica desse entendimento de mundo é capaz de ajudar nas mudanças, considerar o processo de mudança social, é também considerar a relação do sujeito com seu mundo. E a cultura produzida por ele é fundamentalmente o resultado de sua leitura e apropriação simbólica da sua realidade.

Importante perceber que em nenhum dos dois trabalhos foi discutido a questão racial ou cor, ambos discutem questões como preconceito, discriminação, até fazem um breve levantamento historiográfico sobre escravidão e situação do negro no Brasil. Porém não existe uma produção acerca das questões raciais, nem mesmo um levantamento bibliográfico. A preocupação é mais em relação a situação do povo negro, mas não em se apropriar de um

posicionamento científico sobre essas questões. Aparentemente essa negligência torna a construção do assunto na CI mais dificultosa.

3.2 A PRODUÇÃO DO NORDESTE

A produção do Nordeste é de dissertações, duas sob orientação da Professora Doutora Mirian de Albuquerque Aquino: uma de 2010, feita por Henry Poncio Cruz de Oliveira, chamada *Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial*[3] *ao projeto "Cor da Cultura"*. A outra é de 2012 de Vanessa Alves Santana, com o título *Memória esquecida: uma análise da organização e da representação da informação étnico-racial no OPAC da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba*, ambas da linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação.

A outra produção da UFPB é da linha: ética, gestão e políticas de informação. Orientada pela Professora Doutora Joana Coeli Ribeiro Garcia, no ano de 2012. Pesquisa realizada por Elieny do Nascimento Silva, intitulada *Responsabilidade social nas ações de extensão do programa iniciativas negras: trocando experiências.*

Um fato curioso aparece, nenhuma das produções é do nível de doutorado, tanto na produção do Nordeste, quanto na do Sudeste. Não que isso interfira na qualidade da pesquisa, porém tem-se por definição que a pesquisa no nível mais avançando exige-se mais do pesquisador, além de um ineditismo e criação de hipótese, que fortaleceria a temática na área.

A primeira dissertação analisada na produção nordestina é a de Henry Poncio da Cruz Oliveira, defendida em 2010, com o título *Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto "A Cor da Cultura"*. Na dissertação o pesquisador discute sobre a inserção de pesquisadores no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais (NUEPIERE), na Universidade Federal da Paraíba e a criação do projeto "A Cor da Cultura" (PACC).

> O PACC surgiu, em 2004, como proposta de um projeto social com o objetivo de valorizar o patrimônio cultural afrodescendente e reconhecer a contribuição africana e afrodescendente à sociedade brasileira dando visibilidade a sua história não associada à escravização. Tal projeto foi formulado em parceria entre o Canal Futura, o CIDAN, a SEPPIR, a TV Globo, a TV Educativa e a Petrobrás com base numa experiência social para fins de contribuir com a dimensão do saber e do fazer dos afrodescendentes

[3] Segundo Millack (2010): "Étnico-racial é um adjetivo composto e, neste caso, não há mudança na grafia, pelas regras do Novo Acordo Ortográfico, ou seja, emprega-se o hífen [...]". Foi mantido o uso incorreto quando o mesmo está sendo utilizado pela fonte.

> brasileiros e unir esforços para a valorização e preservação do patrimônio cultural afrodescendente. (OLIVEIRA, 2010, p. 76).

O problema da pesquisa é norteado pelas seguintes questões:

> É possível delimitar a produção informacional que privilegia a disseminação e a democratização da informação sobre a cultura e história dos sujeitos afrodescendentes, na perspectiva da eliminação do preconceito, discriminação e racismo? Como se dá o encadeamento entre informação e memória afrodescendente nos processos de disseminação e democratização da informação sobre história e cultura afrodescendente? Como os afrodescendentes são representados nesses artefatos informacionais? (OLIVEIRA, 2010, p. 16).

Em seu trabalho, Oliveira (2010), afirma existir uma informação étnico-racial, esse tipo de informação surge com as políticas públicas em torno da questão do negro. Além da discussão de identidades culturais, redes de informação e relações de poder. O NUEPIERE é responsável por reunir a produção sobre relações étnico-raciais da comunidade universitária da UFPB, Oliveira utiliza-se dessa produção para embasar sua discussão na produção do PACC, assim, a análise dos vídeos, sites e outros itens são corroborados pela produção de pesquisadores vinculados a questão étnico-racial.

A pesquisa relaciona a produção da informação étnico-racial com a memória:

> Ao constatarmos a existência de um volume de informação etnicorracial produzida contemporaneamente, pareceu-nos necessário articular esta produção á memória, pois é possível observar, inclusive no campo científico, uma ampliação das possibilidades de compreensão da memória perpassado-as por considerações fundamentadas no contexto social que é delineado sob a influência das tecnologias intelectuais. (OLIVEIRA, 2010, p. 60).

No entanto, não fica claro a relação da produção étnico-racial com a memória e o que ele chama de tecnologias intelectuais. Ele relaciona memória com a história, e a história como sendo informação, ou seja, informação étnico-racial criaria história étnico-racial, consequentemente se tornaria memória étnico-racial (OLIVEIRA, 2010). Em um sentido muito amplo do que é memória, Oliveira (2010) afirma que a produção científica é memória, portanto a informação étnico-racial produzida pelos pesquisadores da UFPB é também memória. Porém, pensar memória dessa forma é empobrecer a discussão acerca do conceito. Nessa linha de pensamento qualquer produção científica, ou informacional, ou até de dados, é memória, e não é bem isso.

Para Le Goff (2003, p. 419): “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa

como passadas.”. Sendo, portanto, não tão simples a transformação de informação em memória.

Além disso, informação étnico-racial pensada para a construção de uma memória étnico-racial, precisa ser bem posicionada para não transformar em um processo de guetização. O problema não está na preservação dessa memória, e sim na pouca produção dessa informação.

A construção acerca da questão racial é bem rasa, ele cria uma base nas leis de ação afirmativa, ou seja, sobre a promulgação da “Lei Nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985 que dá nova redação à Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951 ao incluir entre as contravenções penais, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil” (BRASIL, 1985 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 19). E também a Lei de diretrizes e bases número 9394-96, do ensino de história e cultura africana e indígena.

A construção de raça é rasa, pois ele trabalha com o conceito de etnia, pois usa o termo afrodescendente. O termo afrodescendente é um conceito utilizado mais recentemente nas discussões étnico-raciais brasileiras. Ele é baseado na proveniência da população, muito utilizado nos Estados Unidos, onde as populações ganham a adjetivação de seu local de origem.

Dessa maneira, Guimarães define raça para a sociologia como sendo:

> [...] discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências). (GUIMARÃES, 2003, p.96).

Hall (2006, p. 62-63) tem um entendimento próximo de Guimarães:

> [...] Em primeiro lugar, porque – contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades [de povos], mas eles estão tão largamente dispersos no *interior* do que chamamos de “raças” quanto *entre* uma “raça” e outra. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.

O segundo trabalho da região nordeste também é da UFPB, da mesma orientadora de Oliveira, é a dissertação *Memória esquecida: uma análise da organização e representação da*

informação étnico-racial no OPAC da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba de Vanessa Santana, defendida em 2012.

Importante perceber que ambos os trabalhos são da linha: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação. Já Oliveira analisava o material do PACC, Santana analisa o tratamento da informação no Online Public Acess Catalog (OPAC) da UFPB.

Baseada na premissa de que o pensamento do profissional da informação, quem trata a informação, é eurocêntrico, portanto, subestimando informações primordiais para o tratamento da informação quando se trata de materiais afrodescendentes.

Diferentemente de Oliveira (2010), Santana (2012, p. 21) define informação étnico-racial:

> [...] é o capital social capaz de transformar em conhecimento, respeitar a cultura do Outro, acolher as múltiplas identidades; manter o princípio da heterogeneidade, compreender a diversidade cultural brasileira e reconhecer a nossa sociedade como legitimadora de certos padrões de comportamento que ocultam a memória, a cultura e a identidade.

Portanto, Santana tem por objetivo analisar como essa informação étnico-racial está sendo tratada no OPAC da UFPB. Dessa forma, ela constrói sua dissertação apoiada na história das bibliotecas universitárias, avança sobre a exclusão do negro nesse ambiente. Santana (2012) afirma que a UFPB tem pouco material de informação étnico-racial, que em sua maioria são fantasiosos, descrevendo o povo africano como um povo exótico, dono de comportamento bizarro. Achebe (2012) afirma que a construção dessa África existe até para os africanos. Em sua infância ele se deparava com livros e histórias que construíam seu povo como bárbaro e aculturado, e que inclusive era como ele percebia alguns locais da África.

Em sua análise do OPAC, Santana (2012) faz buscas com os seguintes descritores: África, afro-descendente, democracia racial, discriminação racial, étnico-racial, etnicorracial, inclusão racial, negro, negros, preconceito racial, raças, etnia, racismo. Após os resultados de sua busca, ela analisa se apareceram bastantes resultados. Ela não analisa se o termo está sendo utilizado de forma correta ou não, como o caso de etnicorracial.

Conforme Santana (2012) vai utilizando o descritor, fala um pouco sobre o conceito. Como etnia, onde apresenta uma formulação teórica sobre o uso do termo. Mas outros ela não considera discutir, como o caso de raça, presente em: democracia racial, discriminação racial, étnico-racial, inclusão racial, preconceito racial, raças, racismo. Seria interessante ver a discussão acerca do conceito, pois o conceito de etnia não corrobora sozinho com os termos levantados por Santana.

Aparentemente a discussão de Santana não se aprofundou no tratamento técnico da informação, pois poderia triangular o uso dos descritores com o tratamento técnico realizado com ela, e com a visão do usuário da informação, transformando assim em comparações de visões, e mostrando o quão deficiente pode ser o tratamento em um posicionamento eurocêntrico.

O último trabalho a ser analisado é o de Elieny Silva, defendido em 2012, também da UFPB, porém da linha Ética, gestão e políticas de informação. A dissertação se chama: *Responsabilidade social nas ações de extensão do Programa Iniciativas Negras: trocando experiências*.

A dissertação de Silva (2012) se baseia no Programa Iniciativas Negras (PIN) do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará campus Cariri (UFC-Cariri). O PIN é um programa de responsabilidade social, tem por objetivo servir como um canal entre a comunidade local e a universitária realizando trocas entre esses dois universos distintos. Já que a região do Cariri é uma região pobre, com poucas oportunidades.

O PIN funciona da seguinte forma: "[...] um curso com duração de dez dias, na região do Cariri, realizado de dois em dois anos, e cursos, com duração de três dias, em várias partes do Brasil" (SILVA, 2012, p. 22).

O intuito da dissertação de Silva (2012) é analisar se essa troca entre o curso de Biblioteconomia da UFC-Cariri e a população em seu entorno é benéfica, se a responsabilidade social universitária de fato traz mudanças sociais.

Para construir seu referencial teórico, Silva (2012) faz um percurso através da exclusão social, chega a negro e racismo e se mantém. Não constrói um pensamento acerca do preconceito e afins. Ela trabalha com os conceitos de Carlos Moore sobre o racismo, porém não debate esses conceitos com outros, não se utiliza da historiografia, e nem problematiza a questão da cor e raça. Assim, sua discussão se torna a ser racismo e não exclusão da população negra.

Na análise dos dados ela se defronta com uma vasta necessidade de discussão acerca da questão racial, os participantes dos cursos ofertados demonstram curiosidade nessas discussões e percebem que aprendendo sobre o assunto teriam possibilidade de defender e lutar por condições sociais melhores.

Aparentemente todos os trabalhos comportariam a discussão da mediação; Cardoso (2011) a única a mencionar a mediação, previu que todos os afazeres de uma biblioteca são mediação, porém não discutiu como atrelar a mediação da informação e a mudança social; o de Silva (2011) trataria a música e o movimento Hip Hop como um ambiente de mediação

tanto informacional quanto social; Oliveira (2010) e Santana (2012) analisariam a mediação da informação pela tecnologia; e finalmente Silva (2012) a mediação da informação como mediação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Felizmente ao longo dos séculos, pode-se afirmar que as mudanças ocorridas na ciência como um todo, sempre serviram para um melhoramento de sua construção como base do pensamento empírico, mas não apenas dele. Obviamente não se pode pensar ingenuamente que a história científica foi feita de flores. Como citado anteriormente, a ciência foi utilizada como embasamento para a construção e solidificação social do racismo.

Contudo é importante pensar que a própria ciência é quem desconstrói esse posicionamento. A ciência não pode ser encarada como uma religião, existe intenção em sua criação, e principalmente nas pesquisas realizadas. Porém apenas ela se propõe a criar e autorefletir sobre seus erros.

O avanço científico, portanto é uma consideração importantíssima quando se trata de diminuição de diferenças sociais. Um grande avanço da ciência foi a mescla entre ciências exatas, biológicas e humanas. No início, obviamente, muitos problemas surgiram, como explicações científicas para a existência de preconceitos e racismos. Como exemplo desse começo desastroso já foi citado a Eugenia, nos capítulos anteriores. No entanto, outros momentos tiveram sua glória, principalmente nos que envolviam as artes.

Esse momento de colaboração entre as ciências, essa mudança pragmática, e principalmente de mentalidades foi fundamental para o reconhecimento da Pós-modernidade como um período, um *zeitgeist*.

O surgimento da CI só foi possível com o avanço científico, mas também por causa desse clima intelectual, ou *zeitgeist*, no entanto não apenas isso, mas fortemente as necessidades práticas de um período onde a política e os aspectos sociais sofreram fortes mudanças devido as guerras.

Quando a CI dialoga com outras áreas e assume uma postura de construção teórica e temática, ela fortalece sua estrutura, e permite uma real percepção de seu núcleo duro. Pensar a CI como uma forma de mudança no *ethos* científico é valorizar seu *status* de ciência nova, e também valorizar seu perfil pós-moderno.

Ao se falar em mediação intui-se um problema quanto ao entendimento diversificado que algumas pessoas carregam acerca da palavra. Esgotar a definição do tema é quase que

uma tarefa hercúlea. Ao abordar neste trabalho a discussão étnico-racial aliada à mediação, pretendeu-se entender a forma como ela – mediação – é uma das formas possíveis para discutir a temática. Portanto, vale dizer que o objetivo não foi explorá-la ao seu limite.

Atualmente, a discussão de temáticas que podem servir como forma de submissão e exclusão se faz pertinente para que haja uma mudança tanto na *praxis* quanto no *ethos*. É importante que a ciência disponibilize um ambiente para a discussão dessas questões e permita que preconceitos não sejam a base da discriminação e do racismo.

Quando pensa-se o sujeito negro, busca-se entender por que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação. O problema é que muitas vezes a problemática é deixada para apenas os pensadores do assunto, e dificilmente alguém quer enfrentar um problema real, porém velado.

Infelizmente, a discussão da temática no Brasil ainda é encarada como desnecessária por muitos, uma vez que o racismo é camuflado e está impregnado na sociedade. Tal fato confirma as definições do início do século XX, onde, por exemplo, conceitos como a cordialidade do povo brasileiro, ou a democracia racial, formaram o pensamento da maioria da população. Conceitos que foram tratados como crítica a forma que a sociedade se comporta, tornaram-se definidores de suas atitudes.

Aparentemente a sociedade se mostra unida e a miscigenação é a maior característica do povo. Porém, se observado atentamente, ver-se-á que o brasileiro defende com todas as forças a sua exclusividade e as suas posições sociais e que é constatado que as minorias não são bem vindas. Elas são vistas como inimigos que querem usufruir de algo que não lhes é garantido.

A discussão em torno da cultura como um fenômeno de controle social é fundamental para entender a construção da identidade. Os estudos de usuário, de referência e de mediação são, portanto, estudos que se valem da construção identitária do sujeito, sendo assim, tornando possível que haja os estudos culturais em CI.

Os estudos culturais quando surgiram na Inglaterra eram uma forma de diagnosticar uma falha nas formas de controle social do estado. A divisão da sociedade por classes permitiu os pensadores da cultura, principalmente os marxistas como Gramsci, perceberem a divisão entre o que as instituições entendiam, e o que as massas podiam entender.

As discussões na área ainda acontecem muito em torno da informação e do conhecimento, porém enquanto não se entender o sujeito e o mundo em que ele vive, dificilmente será possível discutir a produção desses conceitos.

Quando a CI se deparar com a realidade social mais abrangente, não pensando apenas no sujeito informacional, mas pensando na construção sócio-informacional desse sujeito, ela obterá muitos benefícios. Quando a proposta por uma pesquisa onde a mediação da informação e o negro foi aceita, não se imaginava, que antes de uma discussão prática sobre os dois assuntos, seria necessário discutir a construção teórica de apoio.

A relação de dois assuntos que de início pareceu subjetiva demais, se consolida agora como uma realização possível. Apoiada nos estudos culturais, foi possível perceber que ambos os conceitos, mediação e raça, são passiveis de se trabalhar em um mesmo âmbito, em uma mesma temática. O conceito de cultura abarca essas discussões, fazendo que sejam completares quando analisadas pela CI.

A forma escolhida para perceber essas discussões foi a análise conceitual da produção de CI que envolve a discussão étnico-racial. Mesmo que essas discussões não trouxessem a discussão de mediação da informação. Essa escolha foi tomada devido a pouca expressividade da produção em CI de discussão étnico-racial.

Situações como essas permitem perceber que injustiças sempre existiram, porém não deve-se manter calado, precisa-se correr atrás de situações constrangedoras e corrigi-las antes que se tornem novas formas de opressão. A mediação da informação é uma maneira eficaz de mudança na realidade do sujeito, pensar o processo comunicacional é refletir em mudança social. Deve-se raciocinar a CI como uma ciência capaz de devolver a sociedade eficiência e quebra de paradigmas pautados em preconceito e submissão.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=7871>. Acesso em: 9 set. 2014.

ALMEIDA, M. A. de. Mediações da Cultura e da Informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1. p. 1-23, 2008. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>. Acesso em: 4 maio 2015.

AQUINO, M. de A. Entre a informação e o conhecimento, imbricam-se tensas relações para inclusão social de negros/as na sociedade contemporânea. **Inclusão Social**, Brasília, v.4, n.1, p. 45-51, jul./dez. 2010.

CARDOSO, F. C. **A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2011. Disponível em: <http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Diss_FrancileneCarmo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2014.

D'ADESKY, J. **Pluralismo e multi-culturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DAVALLON, J. A Mediação: comunicação em processo? **Prisma.com** – Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC, n. 11, jul. 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 11 set. 2014.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 2ed. São Paulo: Global, 2007.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1>. Acesso em: 31 out. 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, A. A. L. Informação e mediação: lutas pela significação do real. In: MOURA, M. A. **Cultura informacional e liderança comunitária**: concepções e práticas. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2011.

MUNANGA, K. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: SCHWARCZ, L. M.; REIS, L. V. S. (Org.). **Negras Imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 179-194.

OLIVEIRA, H. P. C. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto "A Cor da Cultura". 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/115/1/HPCO31012013.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2014.

SANTANA, V. A. **Memória esquecida**: uma análise da organização e representação da informação étnico-racial no OPAC da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba.

2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, João Pessoa. 2012. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2460>. Acesso em: 12 ago. 2014.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SHERIFF, R. E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Y; REZENDE, C. B. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 213-244.

SILVA, E. N. **Responsabilidade social nas ações de extensão do programa Iniciativas Negras**: trocando experiências. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2187>. Acesso em: 23 ago. 2014.

SILVA, R. Informação**, cultura e cidadania no coração da periferia pelas batidas do Hip Hop**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/78/1/rociclei2011.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2014.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-101.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**. v. 29, n. 2, p. 229-239, mar. 1993.